

A SEMANA – 86

John Gledson

Machado sentia-se atraído por exceções, aparentes ou não, à regra do egoísmo e da ganância humanos. Por que as pessoas não vão buscar os ganhos das suas apostas? Finge acreditar numa versão generosa do Humanitismo de Brás Cubas e Quincas Borba, em que todos, mesmo os que perdemos, ganhamos, porque todos formamos parte da Humanidade. No fundo, porém, o fenômeno continua inexplicável.

Trata várias vezes nestas crônicas das loterias e, em geral, da mania das apostas, fenômeno claramente associado ao Encilhamento. Já em 11 de setembro de 1892 propusera que, para evitar fraudes nas corridas, se suprimissem os cavalos, e os próprios apostadores corressem – “Cansa um pouco mais que estar sentado, mas cada um ganha o seu pão com o suor do seu rosto”. Aqui, leva esta “hipótese” mais longe ainda, para uma fantasia metafísica – que tal reduzir os homens a puros gestos? Já que os padeiros vendem pães praticamente inexistentes...



A SEMANA

14 de janeiro de 1894

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Anda aí nas folhas públicas um aviso esportivo que me tem dado que pensar.¹ Diz-se nele que, do dia 1 do corrente em diante, as apostas ganhas e não reclamadas no prazo máximo de trinta dias, contados da respectiva data, prescrevem e ficam sem valor.

Não nego a prescrição. Tudo prescreve debaixo do sol, desde o amor até o furor. O próprio sol tem os seus séculos contados. Por que estaria fora dessa lei universal o simples esporte? Não; não nego a prescrição, nem a sua conveniência. No presente caso, é decisivo que uma instituição não se organiza para guardar apostas atrasadas; seria preciso uma turma de empregados e um lote de livros especiais para a respectiva escrituração. Despesas maiores. Maiores responsabilidades.

O que me dá que pensar, não é o aviso em si, é a causa dele. Pois quê! Há apostas esquecidas? Quando eu vou a uma dessas casas fazer uma quiniela, pelotaris² ou qualquer outra ação húngara, castelhana ou latina, não é para esperar a pé firme e trazer comigo o meu dinheiro, quero dizer, o dinheiro dos meus adversários? É para lá deixar essa quantia, qualquer que seja, ganha com o suor de um cavalo ou de um homem, – de alguém, em suma? Eis aí um fato novo para mim; vivi todos estes anos com a persuasão contrária.

Repito: era crença minha que uma pessoa não se abala de casa para apostar, senão com a ideia de trazer o dinheiro dos outros. Pode lá deixar o seu, mas é raro. Ainda nesse caso, não se perde propriamente, ganha-se por outra via, porquanto tu és eu e eu sou tu. Perdendo, ganho por tuas mãos e para as tuas algibeiras. Ao contrário, quando eu ganho uma aposta, a aposta é nossa. Eu a trago, nós a ganhamos. Esta definição do gênero humano explica todos os grandes sentimentos de piedade, de amor, de dedicação. Não é sem razão que existe nas línguas cultas o vocábulo *humanidade*; ele exprime um sentimento que, em resumo, é a afirmação da unidade espiritual dos homens. Não somos todos *uns*, mas todos somos *um*; não sei se me explico.

¹ Não achei esse item.

² “Quiniela” é uma aposta ou bilhete de loteria, em espanhol; “pelotari” é também palavra espanhola, de origem basca, que designa um jogador da pelota basca, jogo que se popularizou na época, em parte porque facilitava apostas.

Entretanto, é claro que Pedro não vai apostar com Paulo para deixar a aposta nas mãos de Sancho ou Martinho. O natural é que a traga consigo. Admito que a deixe por um dia ou dois, casualmente, dada alguma razão de ordem superior, uma causa inesperada; mas 30 dias, 6 semanas, 2, 6 meses, eis o que dificilmente se poderia crer, se não fosse este aviso. Assim que, tudo se esquece neste mundo, as alegrias, as opiniões, as paixões velhas, os empréstimos novos e velhos, e agora as apostas. Que pode haver seguro, se nem as quinielas estão certas de viver na memória dos vencedores? Tudo perece. Tão precária é esta máquina humana, que uma pessoa capaz de desmaiar, se perder uma aposta, é igualmente capaz de a esquecer, se a ganhar. Em que fiar, então? Assim vai um homem reformando as suas ideias, deitando fora as que ficam rançosas, ou as que reconhece que eram falsas.

O pior é quando essa limpa do espírito pode deitar abaixo planos longamente meditados. Um desses, que eu trazia desde alguns anos, era suprimir o cavalo e fazer sem ele apostas de corridas; não para substituí-lo pelo homem, pois entrava no meu plano a supressão do homem e de qualquer outro instrumento de luta, que pudesse pôr em jogo a força, a agilidade ou a destreza. A ideia fundamental da minha reforma era que, assim como há comédia e pantomima, eu podia fazer corridas por simples gestos e apostas por sinais; pantomima, nada mais. A princípio, para ir gastando a dureza do hábito, daria nomes a cavalos imaginários. Podia descer ao trocadilho, e dizer que, em vez de construir um Hipódromo, construía uma Hipótese. Pelo som pareceria que a primeira parte era a mesma em ambos os vocábulos, *hippos*, cavalo.³ Jogo grego, calendas gregas, tudo grego.

Podem elogiar-me à vontade. Não me cansarão com boas palavras, antes me darão alma nova para outros cometimentos. Quem sabe se não irei ainda mais longe? Um homem não sabe o que fará neste mundo, antes de fazer alguma coisa, e ainda assim pode não saber nada imediatamente. A glória leva às vezes um ano, outras vinte, outras dois meses, cinco semanas, e não são raras as de vinte e quatro horas. Depende da espécie,⁴ do tempo e do meio. Há glórias tardias e glórias prontas, como devia dizer La Palisse.⁵ Eu, desde que faça corrida de cavalos sem cavalos, posso ir longe, muito longe. Que não suprimirei eu depois disso? Inventarei vinho sem vinho. O pão, que a piedade dos nossos padeiros reduziu às proporções da divina partícula da comunhão, pode ainda subir, por esforço meu, na graduação do mistério; nós o comeremos sem vê-lo, quase sem havê-lo. Havê-lo-á, porque os mistérios existem ainda fora do alcance dos sentidos humanos; mas pão, propriamente pão, não haverá mais. E, todavia, ele dará alimento,

³ O autor grafia “Hippodromo” e “Hypothese” – daí o comentário “pelo som”, já que a grafia é diferente.

⁴ Esta vírgula não está no jornal nem em Aurélio. Acho, porém, que é necessária. Sem ela, estas palavras não fazem muito sentido. Com ela, a frase é uma versão livre, mas boa, da famosa tríade de Hippolyte Taine (1828-1893), “race, milieu, moment”, os três fatores que, segundo o crítico francês, determinavam a história literária e cultural de um dado país.

⁵ Uma verdade de La Palisse é uma verdade óbvia. A frase tem sua origem numa canção sobre o Seigneur de La Palisse. Traduzindo: “Um quarto de hora antes da sua morte / estava ainda vivo”.

como uma simples quiniela, a tal ponto que muitos o deixarão na padaria, como hoje se deixam as apostas, e os padeiros serão obrigados a marcar trinta dias de espera. Não haja medo de o receber duro.

Não me censurem se a pena me levou a este elogio de mim mesmo. Bem sei que é feio; alguém, que não foi o marquês de Maricá, escreveu que louvor em boca própria é vitupério.⁶ Não conheço o autor da máxima; ouvi-a muita vez, em pequeno, a um vizinho que não era capaz de a ter inventado; creio até que morreu sem saber o que era vitupério... Memórias da infância! Tempos em que eu tinha corridas de cavalos sem quinielas; eram cavalos de pau.



⁶ Encontram-se muitas versões desta sentença em várias línguas. Mariano José Pereira da Fonseca, marquês de Maricá (1773-1848), político e escritor, publicou as suas famosas *Máximas, pensamentos e reflexões* ao longo dos últimos vinte anos da sua vida. Em regra, são muito menos profundas e mais sentenciosas que as de, por exemplo, La Rochefoucauld, Pascal ou Chamfort, autores que Machado admira e cita bastante.